



5 - FRAN MARTINS

FRAN MARTINS

*FRANcisco MARTINS, filho de Antônio Martins de Jesus e de Antônia Leite Martins, nasceu em Iguatu, no dia 13 de junho de 1913. Fez os primeiros estudos (primário e secundário) no Ginásio do Crato, no Liceu Maranhense e no Colégio Cearense dos Irmãos Maristas, em Fortaleza. Chegou a se matricular na Faculdade de Medicina do Recife, não podendo porém continuar o curso. De regresso ao Ceará, matriculou-se na Faculdade de Direito, pela qual se diplomou, e da qual seria professor Catedrático de Direito Comercial, matéria em que é autoridade reconhecida nacionalmente, com estudos de Direito Comercial Comparado na Universidade de Paris. Foi professor também da Faculdade de Ciências Econômicas, da qual é Procurador Judicial. Bolsista do governo francês no Tribunal de Comércio do Sena, em 1961; participou do VII Congresso Internacional de Direito Comparado em Hamburgo, Alemanha, em 1962 e do Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Direito Comparado, em Lisboa, no ano de 1985. Tem participado de inúmeras bancas examinadoras de concurso para Direito Civil e Direito Comercial, em quase todo o País. Além de criar várias agremiações estudantis, desde cedo se dedicou ao jornalismo, colaborando em periódicos não só de Fortaleza, mas também do Rio de Janeiro, de São Paulo, do Amazonas, do Pará, do Maranhão, do Espírito Santo e de Pernambuco. Foi um dos fundadores do Grupo Clã, de cuja revista tem sido o principal editor, e entre os jornais dos quais foi redator em Fortaleza podemos citar **A Esquerda, Pátria Nova, A Nação, A Rua e O Estado**, tendo sido diretor deste último. Fundou o Instituto Clóvis Beviláqua, e é Professor Emérito da Faculdade de Direito da UFC. Obras publicadas: **Manipueira** (1934), **Noite Feliz** (1946), **Mar Oceano** (1948), **O Amigo de Infância** (1960) e **A Análise** (1989), de contos; **Ponta de Rua** (1937), **Poço dos Paus** (1938), **Mundo Perdido** (1940), **Estrela do Pastor** (1942), **O Cruzeiro tem Cinco***

Estrelas (1950), e A Rua e o Mundo (1962), romances; e Dois de Ouros (1966), novela. Alguns destes livros têm mais de uma edição. Mais edições, entretanto, têm tido algumas de suas obras jurídicas, como o Curso de Direito Comercial, editado pela UFC em 1957 e pela Forense, do Rio de Janeiro, em 58, 67, 70, 73, 76, 77, 79, 81, 84, 85, 86, 87 e 88. Outras de suas obras jurídicas são Da Natureza Jurídica do Espaço Aéreo (1947), Da Caracterização e da Decretação Judicial da Falência (1953), Dos Efeitos Jurídicos da Falência (1953), Da Classificação das Sociedades Comerciais (1954), Das Sociedades por Quotas no Direito Brasileiro (1955), Das Sociedades por Quotas no Direito Estrangeiro (1956), Sociedades por Quotas no Direito Estrangeiro e Brasileiro (1960), Contratos e Obrigações Sociais (1961), com nove edições, Tributos de Crédito (1977), também com várias edições, Cartões de Crédito (1976), O Cheque Segundo a Nova Lei (1987) Novos Estudos de Direito Societário (1988). Sobre suas obras ficcionais têm-se pronunciado escritores brasileiros e estrangeiros. Dentre os primeiros, podemos citar Lêdo Ivo, Nelson Werneck Sodré, Braga Montenegro e Rachel de Queiroz, além de tantos outros. Dos segundos, destaquemos Samuel Putnam, Fernando Namora e João Gaspar Simões; este último disse: "Fran Martins se me apresenta como um dos melhores contistas novos que conheço não só no Brasil mas em Portugal também" (1950). Rachel de Queiroz, falando do tempo decorrido entre os últimos livros regionalistas de Fran Martins e o volume de contos **A Análise, atribuindo a ausência do ficcionista às ocupações do jurista, afirma: "Se nessa longa ausência, durante a sua 'traição jurídica', nós, leitores, deixamos de ter os livros novos que Fran nos deveria dar, nada perdemos, contudo, até ganharmos, neste seu retorno. É que Fran Martins, em **A Análise**, regressa melhor do que nunca, enxuto, maduro definitivo. Fugindo às seduções do regionalismo e do pitoresco, ele agora se aprofunda numa área específica: o território misterioso do coração humano." Segundo informa Rubens de Azevedo em **Os 40 da Casa do Barão (1993)**, além de ter contos em várias antologias brasileiras e estrangeiras, um dos contos do livro **Mar Oceano** figura no livro **Português para Principiantes**, publicado pelo professor Claude Leroy para a disciplina de Língua Portuguesa da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos.**

OS RATOS

A bebida descia queimando a garganta, sufocando, provocando aquela tosse espasmódica que lhe tirava o fôlego. O suor escorria pelo rosto, as mãos ficavam frias, geladas. Depois de alguns instantes, tudo ia voltando ao normal, até mesmo a vista que se turvava momentaneamente, até mesmo o zumbido nos ouvidos que o fazia surdo.

Bebia para esquecer. Esquecer que Dora havia fugido de casa, não deixara sequer um bilhete, uma palavra ao menos que justificasse seu ato. Ela disse para onde ia? Não senhor, não me disse nada. Falou hoje com sua mãe, isto é, sua mãe passou por aqui? Não senhor, que eu visse não. Então onde diabo ela se meteu? Sei não Senhor, quando eu cheguei ela já tinha saído, por sinal deixou até a porta aberta. Ora merda, ela que vá para o inferno. Quando voltar vou ensinar-lhe a respeitar o marido, não sair de casa sem ordem, deixar ao menos um recado dizendo onde está, a que horas volta, o que foi fazer. O que eu devia era passar em casa de Dona Solange, conversar um pouco, ver se ela cruza as pernas de novo me deixando ver as coxas. Dona Solange parece ser direita, apenas desleixada, não liga para essas bolbagens, a gente não vê coxas de todo mundo na praia? Oscar só chega do trabalho às sete horas, é metódico, a loja fecha às seis e meia, dez minutos para tomar um café e comprar os jornais, quinze de ônibus, cinco da parada até aqui.

Boa-noite, Roberto, como vai, alguma novidade? Solange, por que não convidou o Roberto para entrar? Obrigado, Oscar, eu apenas ia passando, Dona Solange estava na janela, parei somente para cumprimentar. Dona Solange sorria, cúmplice: já faz mais de meia hora que eu estava ali, conversa boba, como vai? Vou bem, você não tem aparecido mais, desculpe, a senhora não tem aparecido mais, ora que bobagem, seu Roberto, pode dizer você mesmo, somos vizinhos. Não, Oscar, vou indo, Dora deve estar esperando, tudo bem? Tudo bem.

Rosina, tira o jantar, não vou esperar que Dora volte não, ela não disse mesmo para onde ia? Não senhor, seu Roberto. Quando eu cheguei a porta estava apenas encostada, eu até me admirei. Dona Dora sempre é tão cuidadosa. Bem, tire o jantar enquanto eu

tomo um banho. Já acabou o conhaque? Diabo, nesta casa tudo acaba num instante, você anda bebendo, Dora? Homem, será possível que até isso você venha dizer comigo? Reclama dos gastos, reclama das comidas, agora acha até que eu bebo sua bebida. Meu Deus, que mal eu fiz para levar uma vida dessas? Veja, minha mãe, tudo o que é de defeito ele bota em mim — que sou desleixada na casa, que vivo me enfeitando muito, que não poupo nas despesas, que estou levando ele à ruína. Calma, minha filha, marido é assim mesmo, com o tempo tudo se modifica, ele se torna manso como seu pai. O Antônio, já lhe disse, me fez sofrer muito no começo, mas como eu não liguei... Mas agora ele anda até desconfiando de mim, toma os porres dele e vem me chamar de prostituta, acha que eu ando me enxerindo para o seu Armando.

Anda, sim, você pensa que eu sou cego? Não viu como ele deixou os amigos no cinema e veio conversar conosco? Me diga: foi por mim, foi pelos meus belos olhos, pelo meu sorriso? E pensa que não vi quando ele roçou a mão na sua, nas minhas barbas, na minha cara?

Pode ir dormir, Rosina, deixe que eu fecho a casa, Dora talvez durma com a mãe, ela é doida como a outra. Nesta cama você não dormirá mais, nem que venha me pedir de joelhos. Foi se encontrar com o amante, não foi? Pois tome, perua, tome o que você merece. Não me mate, Roberto, pelo amor de Deus me escute. Não me venha com mentiras, eu sei, eu vi. Pensa que sou bobo, que não ando de olho no que você faz? Que não ouço o que os outros dizem? Que é que há, Roberto, você viu o Armando? Por que eu devia ver, por acaso sou amigado com ele? Desculpe, homem, não precisa se abespinhar. Então isso tudo não prova, não prova? Você está tendo o que merece, só tenho pena é de não possuir uma chibata para deixar seu corpo sangrando.

Por que diabo a merda desse relógio está correndo tanto? Onze horas, doze, duas, três e meia, cinco e dez. Isso já é o sol que vem nascendo? A estas horas ela deve estar puxando o lençol para cobrir-se toda, tiritando de frio, as pernas encolhidas. Me dá o travesseiro, Roberto, o pequeno, que você não usa. Não diga Roberto não, diga Armando, agora você é uma prostituta, entregou-se ao Armando, abandonou o lar. O marido que tanto a amava para você não significa nada. Veja senhor advogado, isso não é motivo para desquite? Meu amigo, acalme-se, sua esposa não diz que a mãe estava doente e ela teve que fazer-lhe

companhia? O senhor não está vendo que isso é tapeação, senhor advogado? As duas estão combinadas, uma justifica a falta da outra. Acalme-se, homem, não exagere os fatos. Eu mesmo fui falar com Dona Estefânia, ela jurou como a filha passou a noite em sua cabeceira. E o médico, um homem respeitável, o Doutor Cristiano, conhece? É até professor da Faculdade, o médico me afirmou que, enquanto permaneceu lá, e ele só saiu depois das duas horas da madrugada, sua senhora estava no quarto, aliás muito preocupada por não ter podido mandar avisá-lo.

Só a aceito, senhor juiz, porque a mãe dela morreu e não quero fazer escândalo, respeito apenas a morte. Mas saiba o senhor que não farei mais vida com ela. Seu quarto, de hoje em diante, é aquele outro, compreende? Mas, Roberto, que loucura é essa? Deixe a garrafa de conhaque aí, comprei com meu dinheiro, será que não posso beber? Está bem, você é o dono da casa, faça o que quiser, mas eu pedia ao menos que acreditasse em mim. Por alma de minha mãe eu juro como tentei avisá-lo. Mas foi um ataque do coração, a gente andava feito louca, só eu e Mariana, ela saindo para chamar o médico, para comprar remédios. E o resultado está aí, minha mãe não morreu? Felizmente, Deus me perdoe, ela morreu, porque só assim você vai acreditar que não estou mentindo.

Bebia para esquecer. A bebida queimava a garganta, as mãos gelavam, o suor frio escorria do rosto. Mas depois do acesso de tosse, depois que os zumbidos desapareciam dos ouvidos, depois que a bebida assentava, sentia-se feliz, eufórico, rindo para o tempo, falando sozinho. Esquecia o nascimento do menino, aqueles nove meses de angústia, aqueles três meses de desespero. Como é que você pode estar grávida, se não tivemos nenhuma relação? Mas, Roberto, você dizer isso, nós não temos relações todas as semanas? Mas as pílulas, para que servem as pílulas? E pílula não pode falhar? Pensa então que eu não vejo sua amizade se estreitando com Armando? E as vezes que cheguei em casa de sopetão e não a encontrei? Teria ido visitar sua mãe no cemitério? Havia médicos lá para atestar em sua presença?

Veja, Roberto, ele já está se mexendo. Aqui, aqui, sente o rosto dele? Deve ser o rosto, pelo menos a cabeça. Por que é que se mexe tanto?

Não, Roberto, hoje não, estou me sentindo mal, tenho falta de ar, um desânimo. Não, Roberto, assim não, isso pode maltratar

o menino. Você quer que seu filho nasça defeituoso? Se achatar a cabeça dele não vai ser pior?

Seu filho! Esse menino não é meu filho, deve se parecer com Armando, vamos ver quando nascer. Tenho olhos castanhos, cabelos pretos, não está vendo que os olhos dele são pretos, o cabelo alourado? Sem dúvida puxou ao pai, não a mim, mas ao seu amante, compreende? Basta ver os olhos e o cabelo, e ele é moreno, eu sou alvo.

Você não sabe que Armando tem os olhos claros, cabelos escuros? E por que é que você guarda tanto a cor dos olhos de Armando, a cor dos seus cabelos? Querera dizer que isso não é interesse? Duvido que saiba qual a cor dos meus olhos, a cor dos meus cabelos. E deixe a garrafa de conhaque aí: comprei com meu dinheiro, posso bem bebê-lo à vontade. Beber também? Agora, então, deu para beber? Desgostosa por estar em minha companhia, em vez da companhia de Armando? Pois beba à vontade: não, beba não, vá juntar-se com ele. Pensa que ligo? Para mim é até um alívio. Pelo menos quando passo pela rua não precisa os outros dizerem baixinho que sou corno; todo mundo sabe que fui abandonado pela mulher, que ela está amigada com outro.

Pelo amor de Deus, doutor, salve o meu filhinho. Minha senhora, o que foi possível fazer nós fizemos. Mas doença dos rins em recém-nascido é quase sempre fatal. A senhora compreende, é um serzinho em formação, delicado, qualquer coisa pode levar a uma conseqüência desagradável. Poderíamos talvez tentar uma operação, mas ele precisa fortificar-se primeiro. Se ele resistir...

Bebia para esquecer, o conhaque queimava a princípio mas depois que os zumbidos desapareiam vinha a euforia, sentia-se calmo, talvez feliz. Esquecer aquele filho que nascera e morrera com apenas três meses, diz o médico que por causa dos rins. Nunca fui doente dos rins, como poderia ele ser? Esquecer aquele acabrunhamento, aquele mudez, aquela morte repentina de Dora. Agora você sem dúvida vai lastimar a vida inteira a morte do menino. Se fosse meu filho não lastimaria tanto, tenho certeza, pensa que sou bobo? E Armando ainda veio me dar pêsames, minhas condolências, senti muito. Naturalmente que deve ter sentido, o filho era dele, eu era apenas o pai aparente. E a Dora, está resistindo? Para ela deve ter sido um golpe horrível. A Ester até tem falado em visitá-la mas eu digo: deixa passar algum tempo, Ester, eles agora devem estar muito acabrunhados, perder

um filho, mesmo pequeno, é uma tragédia. Sim, é uma tragédia, por isso é que você está tão triste. Pensa que sua mulher também não nota isso não? Ester deve saber de tudo e quer levá-lo lá em casa para que você enfrente Dora e ela mostra que com vocês a coisa é diferente, porque seu filho com Ester está vivo, mas seu filho com Dora morreu.

Como é que você pensa isso de mim, Roberto? Não respeita nem a memória de seu filho? Eu só queria era que Deus me levasse também, para você sossegar, para você se convencer.

Deus bem que pode levá-la, se Deus for justo há de levá-la. Você lançou um desafio, agora agüente as conseqüências. Você pode zombar de mim mas de Deus ninguém zomba. Será que sua cegueira por Armando não a faz ver isso?

Não senhor, senhor Delegado, foi Rosinha, a empregada, quem deu com o corpo dela. Por conveniências particulares ela estava dormindo no quarto vizinho ao meu: depois que o menino morreu andava muito nervosa, e não queria perturbar o meu sono. Trabalho muito, preciso repousar. Eu até muitas vezes discutia com ela, achando que era um abuso marido e mulher dormirem separados. Mas via que era pior para ela se insistisse. Para no fim dar numa coisa dessas.

Sim senhor, eles discutiam, mas era coisa de casa mesmo. Seu Roberto, o senhor sabe, bebe sua bebidinha, e Dona Dora não gostava, é natural. Eu fiquei com meu namorado no portão até dez horas, depois fui dormir, depois acordei de manhã. Quando fui levar o café de Dona Dora ela estava daquele jeito: arroxçada, fria, a boca aberta. Aí eu chamei seu Roberto, ele ficou muito aflito, mandou que eu corresse atrás do médico. Quando o doutor chegou escutei a conversa deles. Ela sofria do coração. Às vezes tinha tonteiças, mas nunca fez tratamento, não foi ao médico, apesar de minha insistência. Ela sofria do fígado? Acho que sim, vivia se queixando de boca amargando, enjôos, dor de um lado. Aí o médico escreveu no papel creio que intoxicação, não sei se falou e.n coração. O senhor não tem o papel aí? O papel deve explicar.

A bebida descia queimando a garganta. Uma vez passado o torpor fazia bem. Bebia para esquecer os males da vida, o falatório do povo, eu não dizia, Dona Raimunda, que aquilo findava assim? Os olhos penetrantes de Armando, sua testa viçosa, a voz surda, as perguntas do médico, ela sofria do coração, comia muito, era dada a indigestões? As coxas de Dona Solange, não tem passeado

mais, anda sumida, que coisa, seu Roberto, ela era tão bonita, agora o senhor vai ficar sozinho (sozinho?), a descrição da empregada, o rosto inchado de Dora, o menino morto, as mãos dela cruzadas, pálidas, frias, azuladas, as olheiras, a boca aberta, será possível, Roberto, que mesmo morrendo você não acredite em mim?

Bebia para esquecer, afastar-se de tudo, não ouvir mais aquelas vozes, diálogos, monólogos, discussões, gritos, blasfêmias, mentira, choro, irritação. Sair, afastar-se, fugir daquela sujeira, não lembrar-se de coisas tristes, as únicas coisas permanentes de sua vida. Ter a consciência tranqüila, ter a visão de um mundo onde os fatos se ajustavam ao seu modo, sem irritá-lo, sem preocupá-lo. Um mundo em que perdia a memória das aflições que o liquidavam.

Bebia para esquecer. Esquecia? Esquecia. Mas, inexplicavelmente, persistentemente, violentamente, apenas quando bebia é que se lembrava de que necessitava comprar uma outra dose de veneno. Veneno para matar ratos, compreende? Depois que utilizara o que tinha, os ratos estavam tomando conta da casa.

De A Análise (1989)